

O PROFESSOR E O SISTEMA AVALIATIVO NO ENSINO SUPERIOR SOB A VISÃO CRÍTICA DO ALUNO

THE TEACHER AND THE EVALUATION SYSTEM IN HIGHER EDUCATION UNDER THE CRITICAL VIEW OF THE STUDENT

EL PROFESOR Y EL SISTEMA DE EVALUACIÓN EN EDUCACIÓN SUPERIOR BAJO LA VISTA CRÍTICA DEL ESTUDIANTE

*Sérgio Machado de ARAÚJO**

Resumo: Este trabalho traz à discussão uma temática pouco pesquisada e analisada no contexto acadêmico. Na verdade, discutimos muito sobre metodologias inovadoras e criativas, material didático para fins específicos, entre outros elementos que cercam o processo de ensino-aprendizagem no ensino superior, mas limitamos a nossa pesquisa quando falamos sobre a mudança metodológica que deveria ser feita a partir de uma pontuação ou sinalização do próprio aluno. A formação do professor no ensino superior não deve estar voltada apenas para sua realização profissional, mas para a necessidade cultural e social do aluno das licenciaturas. Para isso, busco destacar a necessidade de projetos pedagógicos e uma inovação curricular capaz de trazer ao aluno a aplicação de conteúdos significativos em seu cotidiano. A criação e o desenvolvimento de projetos pedagógicos no ensino superior precisam ter o objetivo de inserir um aluno “diferenciado” numa sociedade carente de olhares críticos; é sobre esse ponto de partida que se faz necessária uma modificação nas formas de avaliação, pois o processo avaliativo não deve estar voltado apenas para a aquisição de conteúdos programáticos, mas na efetivação desse conhecimento no desenvolvimento intelectual, profissional e sociocultural do indivíduo como parte integrante de uma universidade constituída de formadores de opiniões. O ensino superior não deve ser um filtro selecionador, mas uma porta aberta para os que buscam o conhecimento. Com isso, compreende-se que a universidade é o campo cultural onde o indivíduo tem a oportunidade de buscar algo além do conhecimento teórico ou a prática e efetivação do conhecimento adquirido no ensino superior, mas o campo social que ajudará o aluno a transformar seus conhecimentos teóricos em práticas sociais. Para tal, a fundamentação teórica deste trabalho inclui Ausubel (1980), Marcuschi (2005), Masetto (2012), Gavaldon (2003), Carpinelli (2003), Faraco e Tezza (2010), entre outros. Entende-se que resultados positivos na qualidade do ensino universitário só chegarão ao alvo com

* Possui graduação em Pedagogia em Licenciatura Plena com Habilitação em Administração Educacional, pela Faculdade de Educação de Vitória. Pós-graduado em Docência no Ensino Superior, pela Faculdade de Tecnologias e Ciências (FTC). Pós-graduado em Estudos Linguísticos e Literários pela Faculdade de Ciências Educacionais. Graduado em Línguas Estrangeiras Modernas/Inglês pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Contato: sergiouesc@hotmail.com.

a consideração do olhar crítico-avaliativo do aluno sobre sua própria formação e futura atuação profissional.

Palavras-chave: Ensino; Projetos; Inovação; Profissionalização.

Abstract: This paper deals with an issue that is little researched and analyzed in the academic context. In fact, we usually discuss innovative methodologies and creative materials for specific purposes, among other elements surrounding the process of teaching and learning in higher education. However, we limit our research when we talk about the methodological change that should be made from the student's perspective. Teacher education in college is not to focus only on professional achievement, but on the cultural and social needs of the student. Therefore, I try to emphasize that the need for scientific research projects and teaching curriculum innovation can bring the student to the application of meaningful content in his/her daily lives. The creation and development of educational projects in higher education needs to enable students to be "differentiated" in a society devoid of critical thinking. It is from this point of departure that a modification is necessary in the assessment tools because the evaluation process should not face only the acquisition of syllabi, but the realization of this knowledge in developing intellectual, professional and socio-cultural individuals as part of a university that consists of trendsetters. Higher education should not be a filter picker, but an open door to those who seek knowledge. With this, it is understood that the university is the cultural field where the individual has the opportunity to seek something beyond theoretical knowledge or practical realization of the knowledge acquired in higher education, but the social field that will help the student to turn their knowledge of theorists in social practices. To this end, the theoretical foundation of this work includes Ausubel (1980), Marcuschi (2005), Masetto (2012), Gavaldon (2003), Carpinelli (2003), Faraco and Tezza (2010), among others. It is understood that positive results in the quality of university education will only reach the target with consideration of critical-evaluation of the student on their own training and future professional practice.

Keywords: Education; Projects; Innovation; Professionalization.

Resumen: Este trabajo trae a la discusión un tema poco investigado y analizado en el contexto académico. De hecho, discutimos mucho sobre metodologías innovadoras y material creativo, educativo para fines específicos, entre otros elementos que rodean la proceso de enseñanza-aprendizaje en la educación superior, pero limitamos nuestra investigación cuando hablamos del cambio metodológico que se debe hacer desde una la propia puntuación o señalización del estudiante. Formación docente en docencia superior no solo debe centrarse en su logro profesional, sino en la necesidad cultural y social de los estudiantes de pregrado. Para ello, busco resaltar la necesidad de proyectos pedagógicos y una innovación curricular capaz de acercar la estudiante la aplicación de contenido significativo en su vida diaria. La creación y la El desarrollo de proyectos pedagógicos en la educación superior debe tener el objetivo insertar un alumno "diferenciado" en una sociedad sin ojos críticos; es sobre este punto de partida de que es necesaria una modificación en las formas de evaluación, porque el proceso de evaluación no debe centrarse únicamente en la adquisición de contenidos

programático, pero en la realización de este conocimiento en el desarrollo intelectual, profesional y sociocultural del individuo como parte integral de una universidad constituido por formadores de opinión. La educación superior no debería ser un filtro selector, sino una puerta abierta para quienes buscan conocimiento. Con eso, Se entiende que la universidad es el campo cultural donde el individuo tiene la oportunidad de buscar algo más allá del conocimiento teórico o de la práctica y eficacia de los conocimientos adquiridos en la educación superior, pero el campo social que ayudará al estudiante a transformar sus conocimientos teóricos en prácticas sociales. Por esto, el razonamiento El trabajo teórico incluye Ausubel (1980), Marcuschi (2005), Masetto (2012), Gavaldon (2003), Carpinelli (2003), Faraco y Tezza (2010), entre otros. se entiende que los resultados positivos en la calidad de la educación universitaria solo alcanzarán la meta con la consideración de la visión crítico-evaluativa del estudiante de su propia educación y futuro Actuación profesional.

Palabras llave: Docencia; Proyectos; Innovación; Profesionalización.

Introdução

A qualidade do ensino/aprendizagem tem sido um grande desafio para a universidade nos dias atuais. O docente, referência desse processo, é a peça principal para a efetivação e análise dos aspectos psicossocioculturais presentes no ambiente acadêmico.

Este artigo aborda as questões necessárias para uma reflexão voltada para a qualidade no ensino superior. Primeiramente, a formação do professor como necessidade primordial na qualidade de ensino e propostas pedagógicas avaliativas voltadas para a concretização e valorização de aprendizagem do aluno.

O aluno precisa encontrar na universidade as ferramentas necessárias para a sua formação e atuação profissional. Para isso, faz-se necessário uma reformulação nos projetos pedagógicos apresentados no ensino superior, pois essas propostas será a oportunidade para o aluno colocar em prática seus conhecimentos teóricos, já que não compete apenas esse conhecimento para a atuação profissional, mas a aplicação dos mesmos para inserção do aluno no mercado de trabalho. Com isso, percebemos a necessidade de propostas pedagógicas que objetivam aproximar a teoria da prática. Esses e outros pontos não podem ser reformulados apenas de sinalizações feitas pelos docentes de uma específica instituição, mas da necessidade que o aluno apresenta.

A universidade precisa estar ligada intrinsecamente com a sociedade e reformular seus projetos pedagógicos avaliativos a partir das mudanças apresentadas por ela, ou seja, não se pode oferecer uma formação acadêmica com qualidade usando metodologias ultrapassadas e descontextualizadas, já que a necessidade maior na formação de discentes é a qualificação profissional, intelectual e a praticidade que o aluno precisa ter em manusear seus conhecimentos a favor das práticas sociais, entendendo que a universidade precisa ser reformulada na medida em que a sociedade muda social e culturalmente. Masetto (2012) afirma que:

Nas últimas décadas do século passado, nossa sociedade sofreu profundas alterações provocadas principalmente pela revolução das tecnologias de informação e comunicação (TICs), que, além de afetar a vida cotidiana das pessoas, atingiu alguns aspectos fundamentais da própria vida universitária: construção e socialização do conhecimento, formação de profissionais competentes e cidadãos, desenvolvimento da pesquisa, revisão das carreiras profissionais e exigências axiológicas (MASETTO, 2012, p. 21).

De acordo Masetto, o ensino superior precisa acompanhar as mudanças presentes na sociedade, pois é a partir dessas mudanças que a docência conseguirá efetivar seu ensino e inserir o aluno na concorrência de seu campo profissional. Com isso, pensar em ensinar é pensar em adquirir conhecimentos, contextualizar conteúdos e significar a aprendizagem pensando nas mudanças recorrentes na sociedade.

O professor como mediador da formação intelectual e profissional do aluno no ensino superior

A instituição universitária e a sociedade não podem esquecer que o professor é o mediador e o ponto central do processo educativo, onde circula todo o desenvolvimento de formação acadêmica. Como mediador, o docente precisa ter um olhar diferenciado voltado para o contexto social de vida do aluno e inserir essas sinalizações em seus planos de aula. É a partir dos objetivos de vida do aluno que o professor passará a reavaliar suas propostas de ensino. De acordo Gavaldon (2003),

[...] O aluno como usuário imediato desse serviço é quem sente na pele os reflexos da qualidade no ensino que lhe é ministrado. Esta qualidade é filtrada pela sua participação no contexto escolar, pelo grau de satisfação ao participar das aulas, pelas aulas recebidas, pelo desconforto experimentado com o que paga e o que recebe, no convívio com o professor, no conhecimento que lhe é transmitido e na aplicação desse mesmo conhecimento (GAVALDON, 2003, p. 07).

O ensino deve ser a ação metodológica inovadora e renovadora da transmissão de conhecimento da relação professor-aluno. Esse ensino deve ter objetivo específico, entendemos isso como a aplicabilidade contextual, social e cultural. O aluno precisa ver relevância e sentido no que lhe é trazido como conteúdo, afinal, em qual área da vida social ou profissional o aluno universitário poderá aplicar o que lhe é oferecido no ensino superior? A resposta para essa pergunta não será respondida e aplicada pelo professor se o mesmo não prover de conhecimento de mundo e da realidade onde seus alunos estão inseridos.

A avaliação desse conhecimento deve ser interdisciplinar, complexa e intitulada como prática pedagógica inovadora. Para Carpinelli:

[...] As preocupações com o desenvolvimento cognitivo geralmente estão voltadas apenas para o fato de que, se o aluno adquiriu as informações específicas que lhe foram fornecidas, ele será aprovado, caso contrário, será retido. Quanto aos aspectos afetivo e interativo, praticamente não são considerados e, quando o são, a ausência de critérios faz com que a avaliação fique por demais subjetiva (CARPINELLI, 2003, p. 25).

Para o autor, a avaliação docente não pode estar voltada apenas para a aquisição dos conhecimentos de conteúdo que é ministrado pelo professor universitário, é preciso avaliar e direcionar a forma que este processo é conduzido e aplicado pelo próprio aluno. Essa avaliação norteará o professor em sua prática pedagógica, trazendo-o à reflexão e mudança de prática do ensino. Nessa linha de pensamento de processo avaliativo universitário, Carpinelli afirma que:

A aprendizagem só é autêntica quando o aluno está totalmente envolvido intelectual, física e emocionalmente. Ao se identificar com os objetivos propostos, ele se volta mais à atividade que está desempenhando. Assim, aprende mais e desenvolve melhor. E o mesmo vai ocorrer com a avaliação, na medida em que ela deve estar integrada a todo processo educacional. (CARPINELLI, 2003, p. 27).

Entende-se que a avaliação deve ser a motivadora e modificadora, não apenas voltada para o ensino-aprendizagem do aluno, do comportamento social que o aluno desenvolve dentro e fora da universidade. Esse conteúdo deve ser aplicado em seu cotidiano e avaliado como cultura em seu modo de ser e viver.

Ausubel (1980) traz-nos a luz o que é chamado por ele de *aprendizagem significativa*. Entende-se por significância na aprendizagem, a inserção de conteúdos úteis para a vida do aluno, o professor precisa apresentar uma proposta curricular voltada para a necessidade do aluno e não propostas com metodologias mecânicas, tradicionais e que reflita apenas a facilidade do ensino. A aprendizagem precisa e deve ser significativa para a vida social do aluno, pois, o maior objetivo do professor não deve ser apenas mediar conhecimentos do curso de formação acadêmica do aluno, mas capacitá-lo e formá-lo para uma sociedade dependente de indivíduos críticos e conhecedores dos acontecimentos que os rodeiam. A aprendizagem do aluno precisa ser a peça complementadora da realização profissional do professor e a dedicação em aprender do aluno. Então, entendemos que a aprendizagem não é apenas o resultado de trabalho do mediador, mas a dedicação exclusiva do aluno em apreender os conhecimentos que resultarão em sua formação profissional e intelectual. Para Ausubel:

[...] O ato de ensinar não se encerra em si mesmo, pois a finalidade do ensino é o aprendizado por parte do aluno; muito embora o insucesso na aprendizagem dos alunos não indique necessariamente a competência do professor, o produto da aprendizagem é ainda a única medida possível para se avaliar o mérito do ensino (AUSUBEL, 1980, p. 12).

Para Ausubel, a aprendizagem é o resultado de ambos os esforços, capaz de desenvolver habilidades comunicativas e sociais, ultrapassar as paredes que cercam a instituição de ensino superior, produzindo conhecimento que influenciará no futuro promissor do aluno como formador de opiniões.

O bom professor não é aquele que preenche as lacunas vazias que o aluno apresenta. O bom professor é aquele que abre lacunas e oferece ferramentas úteis ao aluno para que este seja capaz de completá-las com autonomia e ousadia. Portanto, o ensino não deve apenas está em posição ativa, mas também em uma posição passiva, a fim de instigar e mover o aluno do seu olhar passivo e levá-lo à curiosidade pesquisadora à aquisição de novos conhecimentos. Com isso, sentimos a necessidade da reavaliação dos conteúdos usados para esses fins, tendo a leitura crítica como uma das ferramentas fundamentais nesse processo de ensino. Para Faraco e Tezza:

Podemos dizer que um *leitor crítico* é aquele capaz de atravessar os limites do *texto em si* para o universo concreto dos outros textos, das outras linguagens, capazes de criar quadros mais complexos de referências. E esta multiplicidade de pontos de vista está presente em qualquer gênero da linguagem; toda palavra é *uma entre outras e para outras...* (FARACO; TEZZA, 2010, p.239).

Para Faraco e Tezza a leitura deve ser reflexiva e crítica e que o leitor precisa ter maturidade suficiente para se reportar a outras leituras e a vivências cotidianas. As informações diárias estão presentes em diversos gêneros e é também papel do professor preparar o aluno universitário a filtrar e criticar as informações que lhe vem como positivas. Sequenciando essa visão, Faraco e Tezza continuam afirmando que:

O leitor dessas críticas é o cidadão comum, que quer saber se tal filme é bom ou ruim, se vale a pena comprar o último disco do grupo tal etc. Como na indústria cultural as coisas às vezes são rápidas e têm interesses em jogo, com frequência o cidadão acaba levando gato por lebre. (FARACO; TEZZA, 2010, p. 253).

A leitura universitária não pode limitar-se a conteúdos entendidos como científicos, como se a única atuação do professor

visasse apenas à formação profissional e intelectual, mas deve-se compreender que a essência da leitura precisa englobar as informações locais, espaço onde o aluno está inserido, afim de que ele possa refletir sobre o conteúdo que lhe é informado e tenha habilidade de fazer escolhas a partir de sua visão crítica sobre qualquer gênero textual.

Essas práticas pedagógicas são associadas a formas e olhares diferenciados quanto à aplicabilidade da didática, independente do objetivo profissional do professor e do aluno, pois os objetivos não podem afastar-se dos projetos político-sociais e educacionais. Para Barbosa,

[...] a competência técnica e a competência política do professor se exigem mutuamente e se interpenetram. Não é possível dissociar uma da outra. A dimensão técnica da prática pedagógica tem de ser pensada à luz do projeto político-social que a orienta. (BARBOSA, 2011, p. 12).

A didática é a ligação orientadora do professor que une o conteúdo signifiante com o mundo onde o aluno está inserido. São essas práticas que se responsabilizarão em (inter)ligar os elementos conhecidos como teoria e prática.

O perfil autônomo do aluno observador de sua própria aprendizagem

Só podemos entender a aplicabilidade do ensino e a significância da aprendizagem quando entendemos que o aluno graduado é o resultado final de um processo lento e trabalhoso. Nesse trabalho, pretendo explicitar a relevância do olhar crítico do aluno sobre sua própria formação acadêmica.

O professor precisa pensar em “aluno” não como um ser passivo que assiste a suas aulas, geralmente, entre quatro paredes e executa os trabalhos escritos com prazos determinados. Ser aluno ultrapassa a visão natural, é entender um indivíduo responsável pela formação de outros alunos e como um indivíduo que participará efetivamente de uma sociedade que exige cada vez mais um ser sociável com conhecimentos relevantes para a transformação da sociedade pela sociedade. Partindo desse ponto, destaco a importância da fala do aluno sobre a relevância que o ensino e a aprendizagem

devem ter sobre a formação do mesmo. Para isso, Carpinelli afirma que:

Para ter uma visão crítica da sociedade, o indivíduo, antes de mais nada, deve, na Universidade, ter condições de refletir sobre o que faz, o seu rendimento e as mudanças que ocorreram e ocorrem em sua vida, juntando esses dados aos oferecidos pelos professores – as condições sociais, políticas, econômicas e históricas da sociedade, bem como a formação técnica específica. (CARPINELLI, 2003, p. 24).

Então, compreendemos que a didática deve ser avaliada também pelo aluno, pois a mesma é geradora das mudanças existentes na sociedade. Para Libâneo:

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizada sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções. Este é o objetivo de estudo da didática. Os elementos constitutivos da didática, o seu desenvolvimento histórico, as características de processo de ensino e aprendizagem, e a atividade de estudo como condição do desenvolvimento intelectual. (LIBÂNEO, 1998, p. 29).

Com isso, entendemos que a forma de aprender e as mudanças pedagógicas do ensino não podem sofrer alterações e mudanças apenas pelos professores ou através de propostas curriculares da instituição, mas também das evidências que o aluno transmite e sinaliza através de suas necessidades. Para isso, o aluno deve exigir um ensino de qualidade que vise, primordialmente, seu contexto social.

O ensino deve ser preenchido de conhecimentos distintos, podendo ser entendido como interdisciplinaridade. Para Lück, a interdisciplinaridade é a orientação global que o aluno precisa ter no mundo onde (co)vive, fazendo dele um indivíduo globalizado e participante das evoluções e modificações presentes no ensino e aprendizagem que norteiam os objetivos acadêmicos. (LÜCK, 2010, p. 53).

A avaliação do aluno deve ser pertinente e relevante, ao ponto de criar, transformar e reformular os projetos pedagógicos presentes

em sua área de estudo e futura atuação como profissional. Para que isso seja efetivado de forma positiva, o aluno precisa ser e estar motivado para aprender. Barbosa (2012) revela a contextualização que envolve o aluno ao sucesso profissional na universidade, trazendo-nos um panorama sobre a causa da presença do aluno no ensino superior que nem sempre tem objetivos de aquisição de conhecimentos ou atuação profissional, mas, por fatores afetivos, familiares e/ou méritos pessoais.

Sobre essas convergências e divergências, o ensino superior precisa repensar sobre o seu modo de fazer educação para um campo que nem sempre é composto por unanimidade. Primeiro, conhecemos o nosso público, o corpo discente, e depois formulamos as propostas pedagógicas que serão norteadoras das relações ensino-aprendizagem e professor-aluno, já que a universidade não pode ter apenas objetivos acadêmicos, mas também funções sociais, culturais e afetivas.

No contexto universitário, o professor precisa aplicar sua sequência didática visando à formação de futuros formadores, independente da área de atuação, pois os mesmo precisarão desses conhecimentos de ensino para a capacitação autônoma e a socialização do saber. A praticidade de ensino deve ser levada pelo aluno como a oportunidade de alcançar seus objetivos acadêmicos. Segundo Freire:

O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao ato de apreender o conteúdo ou o objetivo cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado. (FREIRE, 1992, p. 188).

Freire afirma que o aluno precisa desenvolver habilidades capazes de fazê-lo produtor de seu próprio conhecimento e esse deve ser o principal objetivo e resultado do aluno no ensino superior. Então, compreendemos que o professor não é o único responsável pela aprendizagem do aluno, mas o próprio aluno deve analisar as falhas e queixas sobre os pontos negativos do ensino e agir com ciência, a fim de concretizar seu aprendizado ao modo reflexivo de uma visão transformadora no ensino superior.

O papel sociocultural da universidade na formação interdisciplinar do indivíduo

O campo universitário é a oportunidade de acesso intelectual e produção de conhecimento. Formar produtores de conhecimento capazes de criticar suas próprias produções e dialogar com outras, enriquecendo a interdisciplinaridade e reconhecendo a multiculturalidade, é uma das outras funções da universidade. Para Carpinelli:

Embora a Universidade possua três papéis que lhe são tradicionalmente atribuídos: ensino em nível superior, pesquisa científica e serviço à comunidade, ela deveria se preocupar, além de uma transmissão de conhecimentos, com a formação para uma reflexão crítica; incluindo nesse momento não só o ensino em si, mas, do mesmo modo, a pesquisa e o serviço à comunidade. (CARPINELLI, 2003, p. 24).

A universidade precisa formar cidadãos autônomos e que os mesmos sejam capazes de coordenar a busca de seus próprios conhecimentos. Autonomia, essa é a palavra que melhor se enquadra nesse contexto, pois é o perfil que o aluno universitário necessita desenvolver durante todo esse processo.

O ensino superior é o ponto de encontro de diversas culturas e precisa criar oportunidade para que essa diversidade seja dinamizada de forma que prevaleça a diversidade cultural e social. Como cultura, o ensino superior deve priorizar o pesquisador como fonte de novas descobertas e gerar futuros pesquisadores, a fim de dinamizar e fortalecer o campo pedagógico que rodeia todos os envolvidos nesse processo complexo que nesse momento podemos denominá-lo cenário cultural.

Dentro dessa perspectiva, pretendo destacar quatro funcionalidades da universidade como cenário cultural:

- Formação de alunos pesquisadores;
- Formação de profissionais;
- Socialização do conhecimento científico;
- Universalização dos aspectos socioculturais.

Seguindo esse ponto de partida, podemos identificar alguns dos principais paradigmas que devem cercar o ensino superior, ou seja, o principal papel da universidade vai além de uma formação profissional, isto é o que podemos chamar de um processo complexo, capaz de dar oportunidades para as mais diversas formas do saber.

Nesse espaço acadêmico o aluno tem a autonomia de desenvolver por si mesmo a aprendizagem significativa, já que o próprio é parte integrante e efetiva do processo educacional.

Então, ao falar de Universidade, compreendemos que a mesma é a responsável pela transformação social do indivíduo e pela proliferação do conhecimento sistematizado, a fim de auxiliar a comunidade exterior, além de procurar sanar as necessidades de conhecimento filosófico e reestruturar o mercado de trabalho. Para Buarque (2013),

Neste momento de encruzilhada, a esperança está na universidade. É necessário que ela se transforme e reinvente a si própria, para servir a um projeto alternativo de civilização. Quase oito séculos e meio se passaram desde a criação da universidade e, hoje, ela se encontra bem no meio da encruzilhada civilizatória que irá definir os rumos do futuro. A escolha será entre uma modernidade técnica, cuja eficiência independe da ética, ou uma modernidade ética, na qual o conhecimento técnico estará subordinado aos valores éticos, dos quais um dos principais é a manutenção da semelhança entre os seres humanos (BUARQUE, 2013, p. 6).

O novo mercado de trabalho, com ampla concorrência, surge cada vez mais exigente em face aos pressupostos de que o aluno sai do ensino superior pronto para a atuação profissional e para a aplicação de seus conhecimentos na vida social; entendendo que o suporte técnico-científico precisa estar presente em todo momento de formação do aluno, bem como adaptabilidade à mudança tecnológica.

Em outro ângulo, a produção científica e a carência de contar com grande número de pesquisadores eleva o conceito de produção de conhecimento no ensino superior, ou seja, o aluno universitário precisa saber fazer uso das ferramentas tecnológicas com o objetivo de usá-las a favor de sua aprendizagem-prática e não como substituição de sua formação em prática. Para Buarque,

O que não ao se imaginava é que um dia haveria armas inteligentes capazes não apenas de ser empregadas em situações de surpresa absoluta, como também ser usadas sem qualquer risco de parte do atacante. [...] As armas inteligentes atiram sobre o próprio sentido do humanismo, ao fazer com que o conceito de inteligência seja nitidamente desvinculado dos valores éticos (BUARQUE, 2001, p. 39).

Para Buarque a inteligência humana e a capacidade de resolver problemas não podem ser substituídas pela formação do saber artificial, criada pela tecnologia. Chuchene e Hibarino afirmam que:

Neste caminho, recursos metodológicos e atividades interativas podem ser utilizada pelos professores em sala de aula e, desta forma, explorar as potencialidades, a capacidade de expressão, a produção lingüística, a competência comunicativa e cultural de seus aprendizes, unindo o que acontece em classe com o que se passa no mundo em que vive (CHUCHENE; HIBARINO, 2010, p. 202).

Sobre as discussões das citações dos autores acima, percebemos que a universidade precisa capacitar o aluno a manusear as mais diferentes ferramentas metodológicas e tecnológicas, ao mesmo tempo em que essas ferramentas sejam usadas com o objetivo de favorecer o complexo campo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma que a universidade precisa acompanhar o desenvolvimento tecnológico da sociedade, as aulas também precisam ser projetadas com o espaço físico suficiente para o desenvolvimento das mesmas. Como a universidade pode julgar-se atualizada ou interligada à sociedade sem os suportes tecnológicos necessários para o complexo ensino contextualizado? Ou seja, não podemos falar em ensino de qualidade sem nos reportarmos ao grande *déficit* que a educação brasileira enfrenta no que se refere aos espaços físicos de salas de aula e à carência de recursos tecnológicos para a pesquisa e atuação docente.

Considerações finais

A educação, no ensino superior, ainda precisa de (re)formulações urgentes, mudanças que seguem a entrada e a saída de

alunos na universidade. Não podemos falar de qualidade de ensino, sem analisarmos o espaço onde essas mudanças acontecem. O ensino superior é o centro da difusão do conhecimento, constituído de pesquisadores e formadores de profissionais em formação.

Ao carregar essa responsabilidade nos ombros, a universidade precisa ser um corpo com membros capacitados e instruídos à elevação da descoberta e do desenvolvimento sociocultural, pois, ao falarmos de indivíduo, analisamos dois fatores essenciais que precisam ser observado desde a entrada do aluno a saída do mesmo da universidade: a forma que o indivíduo adquire novos conhecimentos, campo estudado pela psicologia e, a forma que este indivíduo usa os conhecimentos adquiridos no campo da socialização comunitária, campo estudado pela sociologia. Então ao falarmos de ensino superior, não podemos separar os acontecimentos externos da universidade, pois são eles que enriquecem e universalizam o conhecimento sociocultural.

Referências

ALMEIDA, Débora M. S. **A motivação do aluno no ensino superior:** um estudo exploratório. 2012. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, 2012.

AUSUBEL, David. P. **Psicologia Educacional**. Rio e Janeiro: Editora Interamericana Ltda, 1980.

BARBOSA, Jane Rangel Alves. **Didática do ensino superior**. 2 ed. Curitiba: IESD Brasil S. A., 2011. Disponível em: <http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/tx_1_didatica_ens_sup.pdf>. Acesso em 15 de abr. de 2013.

CHUCHENE, K. M.; HIBARINO, D A. A interculturalidade na sala de aula de língua inglesa. **Eletras**, v. 20, n. 20, jul. 2010. Disponível em: <http://www.utp.br/eletras/ea/eletras20/textos/Primeiros_ensaios_20.2_A_Interculturalidade_no_ensino_de_lingua_inglesa_CHUCHENE_HIBARINO.pdf>. Acesso em 2 de maio de 2013.

BUARQUE, Cristovam. **A universidade numa encruzilhada**. Disponível em: <http://www.unifra.br/Utilitarios/arquivos/arquivos_prograd/Cristovam%20Buarque%20discurso%20na%20Unesco.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2013.

BUARQUE, Cristovam. **Admirável mundo atual** – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

CARPINELLI, Carmem Silvia Amaro. Avaliação globalizadora: um desafio para a universidade. In: QUELUZ, Ana Gracinda. **Educação sem fronteiras**: em discussão o ensino superior. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 23-30.

FARACO, Carlos Alverto; TEZZA, Cristovão. **Prática de texto para estudantes universitários**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GAVALDON, Luiza Laforgia. A qualidade do ensino na visão do aluno. In: QUELUZ, Ana Gracinda. **Educação sem fronteiras**: em discussão o ensino superior. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 07-16.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1998.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2010.

MASETTO, Marcos Tarciso. Inovação curricular no ensino superior: organização, gestão e formação de professores. In: MASETTO, Marcos Tarciso (Org.). **Inovação no ensino superior**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Recebido em: 11/09/2019

Acesso em: 20/10/2020